

# A resistência pela palavra



Parcialmente ofuscada pelo trabalho jornalístico, a poesia de Reynaldo Jardim reunida no livro-objeto *Sangradas escrituras* faz releitura anárquica e dionisíaca da tradição dos versos de amor

» SEVERINO FRANCISCO

## TRÊS ENCONTROS EM UM DEPOIMENTO

» OTO DIAS BECKER REIFSCHEIDER  
ESPECIAL PARA O CORREIO

No caso do talento frenético de Reynaldo Jardim, morto na última terça-feira, é muito difícil separar o poeta do jornalista, do artista plástico, do escultor e do inventor. Ele fazia títulos de matérias que eram quase poemas concretos como estes estampados no jornal *O Sol*: “FMI é o fim” ou “Paz ameaça a Guerra do Vietnã”.

Mas, mesmo assim, fica a suspeita de que talvez o brilho com que Reynaldo Jardim sempre exerceu a profissão de jornalista tenha ofuscado o seu talento de poeta. Nunca se retirou para uma torre de marfim, botou uma placa na porta pedindo silêncio ou que não perturbasse, pois estava criando. Nos tempos em que trabalhava no *Correio*, na década de 1980, como editor do caderno de Cultura, Reynaldo sempre estava batucando versos na máquina de escrever.

Começou fazendo poemas para impressionar uma prima e nunca mais parou, em busca de uma depuração na arte de cantar as mulheres. Em seguida, quando o tempo da política fechou com a ditadura de Getúlio Vargas, buscou a resistência pela palavra. Viveu de perto o ápice do modernismo com Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto e também do pós-modernismo. No *Suplemento Cultural do Jornal do Brasil*, que dirigiu durante seis anos, promoveu, debateu e trouxe para as páginas do próprio caderno as inovações propostas pela Poesia Concreta, incorporando os espaços brancos como um campo expressivo. Colocou a poesia no jornal e o jornal na poesia.

Com o grupo carioca, liderado por Ferreira Gullar, discordou do excesso de racionalidade da Poesia Concreta e propôs o Neoconcretismo, uma espécie de versão sensorial e

erótica do movimento paulista: “Era uma questão de vivência, São Paulo era o arranha-céu, o Rio era samba”, dizia Reynaldo.

Ele produzia de maneira frenética e errática. Por isso, mesmo os que acompanhavam a sua poesia de perto se surpreenderam com o bellissimo volume *Sangradas escrituras*, em que Reynaldo reuniu 64 anos de atividade poética, desdobrando-se em quase 1.200 páginas, sendo muitos sob encomenda para jornais ou emissoras de televisão.

*Sangradas escrituras* é um testemunho em que fica clara a impossibilidade de separar o poeta do escultor e do artista plástico e gráfico. Não é um livro convencional; é um livro-objeto em que a poesia verbal é transpassada pelas artes plásticas e gráficas, em diálogo muito pessoal e original com as experimentações concretistas e neoconcretistas. Os espaços em branco, as imagens interagindo com as palavras, a letra como signo plástico, a ilustração se estilhando em poesia digital. Reynaldo realiza uma releitura anárquica, erótica, dionisíaca e crítica da poesia amorosa, do poema de circunstância, da poesia política e da vanguarda concretista.

O documentário *Profana via-sacra*, de Alisson Sbrana, revelou, no cinema, de maneira plena, as potencialidades da poesia neoconcreta. Enquanto duas belas atrizes se despem, as palavras se colam nos seus corpos: “Che passou por aqui. Cristo passou por aqui”. Como todas as obras completas, *Sangradas escrituras* é desigual. Mas Reynaldo se antecipou aos críticos e, com seu talento de poeta da palavra, da cor, do traço e do espaço, organizou um magnífico legado do seu espírito dionisíaco, anárquico, barroco e experimental.

Cheio de vida, cheio de ideias, faleceu Reynaldo Jardim. Meu conhecimento do poeta e jornalista se deu no fim de 2007, pela compra de livros seus num sebo em Brasília que havia arrematado a biblioteca do artista Rubem Valentim — uma das tantas tristes histórias de descaso com nossa cultura. Conversei exatamente três vezes com ele: em 2008, na 1ª Bial de Poesia, organizada pelo prof. Antonio Miranda na Biblioteca Nacional de Brasília, onde Reynaldo foi homenageado. Levei, para a inauguração, o livro *Participio presente*, editado em 1954 numa tiragem de apenas 120 exemplares, que eu comprara num golpe de sorte em São Paulo. Reynaldo ficou surpreso ao ver o livro, me disse que não possuía cópia, chamando os filhos para conhecerem a obra. Eu procurava um outro trabalho seu, um livro de poesia concreta de 1959 intitulado *Science fiction* — ele disse que tinha um exemplar para me dar. Peguei o contato de um de seus filhos para combinarmos um encontro, mas a coisa não deu certo, não me lembro se perdi o telefone ou o que aconteceu.

Nosso segundo encontro foi na comercial da 302 Norte. Vi Reynaldo atravessando a rua, corri atrás. Conversamos rapidamente e, dessa vez, foi ele quem pegou meu contato (acho). De qualquer forma, a segunda vez também não deu em nada. Eu, depois de nossa conversa, saí correndo para buscar o *Joana em Flor*, para que ele autografasse para mim, mas quando desci já era tarde.

Como dizem os americanos, the third time's the charm. Consegui seus contatos, telefonei para ele. Marcamos para o mesmo dia, de manhãzinha, em sua casa — foi em novembro do ano passado. Assim que cheguei à

sua casa, me aguardava uma pilha de livros seus, com os quais me presenteou — hoje tenho suas obras completas, em livro. O mérito, aliás, de ter conseguido o livrinho de 1959 é de sua esposa, Elaine, que ao longo dos anos garimpou e guardou com carinho essas raridades.

Não digo que passei a manhã toda com ele, pois metade do tempo estava ocupado ao telefone, sendo requisitado para questões das mais variadas, como foram diversas as temáticas de nossa conversa. Lá pelas tantas, Reynaldo parou, olhou para a mesa, para o bufê (cheio de livros), tateou entre os papéis e proferiu: “Acabou o combustível!” Não havia mais cigarros, charutos ou cigarrilhas; saímos para comprá-los.

Estava trabalhando com desenhos e recortes para um próximo livro de poesias e tratando de sua ida a São Paulo, para receber o Jabuti — segundo colocado com seu *Sangradas escrituras*, verdadeira bíblia da poesia de Reynaldo. Iria para a capital paulista de carro, fazia décadas não entrava num avião. Contou-me que inicialmente não tinha problema algum em voar, mas sua primeira esposa era tão apavorada que o medo o acabou contaminando. Pensou mesmo em recusar o prêmio, ou aprontar alguma durante a premiação, mas, por apelo da família e de amigos, resolveu não contrariar — o amor, tão cantado por Reynaldo em sua poesia, venceu a irreverência.

» **Oto Dias Becker Reifschneider, 31 anos, brasileiro, é bibliófilo, graduado em história e doutorando em biblioteconomia. Desenvolve atualmente pesquisa sobre editores e editoras no Brasil. Reside em Washington (EUA).**

## Poemas

REYNALDO JARDIM

### FÁBRICA DE BANDIDO (trecho)

Desempregue um pai,  
deixo-o na lona.  
A mãe abandone  
em estado de coma.  
Jogue na sarjeta  
o filho indigente,  
Será, se viver,  
um sobrevivente.  
Na rua terá  
que buscar sustento,  
Esmolando o pão,  
dormindo ao relento,  
até que a miséria  
converta o menino  
em ladrão safado  
ou frio assassino.

(...)

Jurado de morte,  
estende sua teia,  
junto sua tribo  
e o fogo ateia.  
Você, que o matou  
na revolta insana,  
não corre perigo  
de entrar em cana.  
Você, que aprendeu  
a arte e a manha  
de fazer miséria,  
repita a façanha.  
Desempregue um pai,  
que um país sofrido  
sabe, muito bem,  
fabricar bandido.

### SE EU QUISER FALAR COM DEUS (trecho)

Eu sou só vou falar com Deus  
quando ele matar a fome  
dessa criança sem nome,  
que não para de chorar.  
Quando ele descer do céu  
E vir que cada menino,  
Sem presente, sem destino,  
Precisa de um beijo seu.

### NA BOCA

Os poetas já não escrevem  
coisas assim:  
Um dia eu te darei  
um grande beijo.  
Que teria acontecido  
Com as bocas dos poetas?  
Os poetas têm medo  
de alguém pensar  
que eles não são  
intelectuais.  
Além disso, a crítica  
não permite que poetas  
dêem grandes beijos.  
Rapaduras e queijos.  
Hambúrgueres e alfaces.  
Desejos e romances.  
Arf! Poesia é coisa fina.  
Todavia, amor de conta-gotas,  
Um dia, eu  
Te darei um  
grande beijo:  
nas bocas.

### ALICIA

Na luz sem cor,  
águas  
alga  
calor  
A voz silenciosa  
o que no silêncio  
me alicia?

### JOÃO CABRAL

Quando João Cabral morre,  
não morre nada. Morre  
a morte pela faca decepada.  
Se João Cabral morresse  
quem de viver se atrevia?  
Anda luz, ainda luzia.  
Onde a luz, alvenaria?  
Recife. Espanha. Tourada.  
Solapino. Paisagem desabitada.  
Pra que João Cabral morresse  
preciso for a que nada  
agitasse, em vento, o movimento  
sensual do balé canavial.  
Se não morreu João Cabral  
Por que o silêncio instala,  
estala, despeta, afaga,  
na paisagem,  
um ponto final? Final.  
Não é de João. É nosso  
esse funeral.

### PROFANA VIA-SACRA

Eis a minha tese  
de doutorado:  
Cristo voltou Guevara  
e foi fuzilado.  
Não há pecado  
nas trilhas do corpo  
Cristo passou por aqui  
Guevara passou por aqui